

## Carta sobre Escrita – 11

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Um texto literário é um objeto artístico que tem, entre outras, duas características: é literário e é composto numa certa língua. Pensemos um pouco sobre o facto de, seja ele oral ou escrito, ser composto numa língua.

Como objeto artístico, ele quer afirmar-se pela forma; como objeto composto numa língua, ele tem de afirmar-se também pela qualidade com que é composto nessa língua. O valor do texto decide-se também pela forma com que é composto nessa língua.

Imaginemos que eu escrevia um conto ou um poema com pretensões literárias em francês ou inglês, em árabe ou em crioulo, mas mostrava nele que não domino essa língua. Poderia esse texto ambicionar a ser tido como objeto artístico de qualidade? Poderia eu pretender que ele fosse respeitado como um texto maior? Ele afirmar-se-ia, sobretudo, como um texto com feridas graves, talvez feridas de morte.

Um crítico dizia, não há muito: “Alguns autores queixam-se de que os críticos não prestam atenção aos seus livros, mas não se perguntam porquê”. E respondia: “Eu, quando começo a ler um livro e vejo que tem erros, ponho-o logo de lado, não continuo”.

Um autor que quer ser apreciado e respeitado tem de estar consciente de que a sua produção tem dois campos em que, só por isso, tem de afirmar-se: a literatura e a língua. Se a minha equipa de futebol quer ganhar o campeonato, tem de jogar de forma superior e tem de ganhar dentro das regras do futebol.

Quer isto dizer que um autor que escreve em língua portuguesa tem de dominar as regras da língua em que escreve, isto é, da língua portuguesa. E não há como escondê-lo: aqueles para quem a língua portuguesa é uma língua segunda, ou mesmo terceira, têm aí um trabalho mais complexo a enfrentar. Mais complexo, mas não impossível. Pode ser mesmo um trabalho para toda a vida, mas esse é justamente o desafio que se coloca a qualquer escritor: dominar mais e melhor a língua em que escreve e assim crescer como pessoa e como autor.

Pode, à primeira vista, ser visto como desanimador, mas deve ser enfrentado como desafiador, rima e é verdade. O domínio de uma língua é sempre um desafio – um belo desafio de transformação pessoal, de auto-domínio, de aperfeiçoamento contínuo. Esse é, afinal, o desafio de qualquer trabalho artístico.

Não há como fugir: um autor que escreve em língua portuguesa deve trabalhar a escrita, a sua capacidade de escrever, de acordo com a gramática dessa língua, tal como no respeito pela ortografia das palavras que escreve. Um dicionário e uma gramática são instrumentos essenciais, tal como um prontuário e, no caso da língua portuguesa, um manual que explique as diferenças entre o Acordo Ortográfico de 1990 e a norma anterior. Sim, porque uma língua é normativa.

É claro que uma língua, qualquer língua, evolui. Camões ou Gil Vicente não escreviam como hoje surgem os seus escritos numa edição para o grande público. Escreviam como se escrevia no seu tempo. E o mesmo acontece aos autores de hoje: devem escrever como se escreve no tempo de hoje. E escrever bem, isto é, com mestria. Só assim podem vir a ser considerados mestres na escrita ou mestres da escrita, isso que um grande autor sempre é.

Quem quer ser escritor não tem alternativa. Ou isto ou (quase) nada. E, se a sua escrita tem qualidade superior, pode contribuir então para que a norma da escrita evolua de hoje para o futuro, tal como os grandes autores a fizeram evoluir do passado para aquilo que hoje ela é. Uma palavra à margem. Esta é uma das dificuldades dos crioulos ainda não padronizados: não havendo uma norma, essa língua permanece um terreno pantanoso onde muito dificilmente um autor consegue construir uma posição firme. Este é um trabalho a ter como prioritário para quantos querem defender o “seu” crioulo.

Sem negar nada do que acima fica dito, pode acrescentar-se o seguinte: nada nem ninguém pode substituir o autor na literariedade do seu texto (isso é matéria para outra conversa); mas um autor pode recorrer a alguém que o ajude a notar e corrigir os defeitos gramaticais da sua escrita. As normas da gramática são fixas (até certo ponto, é claro), mas não é aí que se joga o essencial da criatividade do autor. Por outro lado, a aprendizagem de uma língua segunda ou terceira, já se disse, é trabalho para uma vida e um autor, mesmo jovem, não pode estar à espera toda a sua vida para estar a um nível capaz de escrever sem manchas ou feridas nessa língua. É uma questão de bom senso. Portanto, digo eu com algum atrevimento: um autor nestas condições deve cuidar ao máximo da literariedade do seu texto e cuidar o possível do rigor da língua e, depois, pedir a ajuda necessária para que os problemas da língua sejam superados.

Há, de facto, puristas que colocam a autoria como um conceito sagrado e, digamos, absoluto, isto é, intocável: só o que é do autor e sem interferência alheia é digno e respeitável. Não é o meu caso. Todo o homem ou mulher tem direito a exprimir-se e a dar ao mundo o melhor de si, incluindo em termos literários. E, digo eu, a ser ajudado a dar à sua expressão a melhor forma quando se trata de passar a sua mensagem a texto partilhado numa língua. (Também eu, se preciso de partilhar em francês ou inglês um texto da minha autoria, peço ajuda a quem sabe dessa língua mais que eu. E muitos autores agradecem no seu livro àqueles que os ajudaram na “revisão” do texto.)

Mas, é claro, nada disso dispensa o autor de trabalhar para um cada vez maior domínio na língua em que quer afirmar-se como escritor. Quanto mais não seja, porque um maior domínio da língua lhe dá um maior poder de pensar e de exprimir aquilo que quer alcançar. Porque o essencial é isso mesmo: conseguir, chegar lá, alcançar... o que só um bom domínio permite (em qualquer arte). Só um exemplo: eu não sei andar de patins. Como posso dançar uma música ou uma emoção se não domino a técnica da dança sobre patins? Como posso eu fazer literatura numa certa língua se não domino a técnica dessa língua?

Para terminar, só mais duas notas. Primeira: o objetivo de dominar a técnica de uma língua é um trabalho na agenda de qualquer escritor, mesmo de um grande escritor, não apenas de quem começa. Segunda: uma das formas de fazer esse trabalho é (ou começa por) ler bons textos de mestres da escrita nessa língua.

Em suma, neste domínio, a ordem de trabalhos é a mesma para todos nós: aprender sempre, melhorar sempre, apenas estamos em patamares diferentes da nossa evolução. Mas se eu, por acaso, estou num patamar um pouco inicial desse processo, não tenho nenhuma boa razão

para desistir dele. Pelo contrário, tenho todas as razões para investir nele com mais cuidado, rigor e intensidade. Se quero ser escritor. Porque, se quero ser pintor, ou agricultor, as minhas prioridades são outras.

Novembro de 2022

José Alves Jana